



HOLOS

ISSN: 1518-1634

holos@ifrn.edu.br

Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Brasil

Candido de Oliveira Salvador, Diego Salomão; da Silva, Valdenildo Pedro  
PAISAGEM PERCEBIDA, PAISAGEM VIVIDA: SIMBOLISMO E DEGRADAÇÕES  
AMBIENTAIS NA LAGOA DAS PANELAS - BOM JESUS-RN  
HOLOS, vol. 3, 2009, pp. 117-146  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Natal, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=481549227011>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## **PAISAGEM PERCEBIDA, PAISAGEM VIVIDA: SIMBOLISMO E DEGRADAÇÕES AMBIENTAIS NA LAGOA DAS PANEAS - BOM JESUS-RN<sup>1</sup>**

Diego Salomão Candido de Oliveira Salvador  
Mestrado em Geografia na UFRN  
[diegolisse@yahoo.com.br](mailto:diegolisse@yahoo.com.br)

Professor do Instituto Federal do RN, Doutor em Geografia  
[valdenildo@cefetrn.br](mailto:valdenildo@cefetrn.br)

### **RESUMO**

O presente trabalho tem o objetivo de discutir a significação da Lagoa das Paneas, paisagem geográfica localizada em Bom Jesus-RN, atentando para as degradações que vêm ocorrendo historicamente nessa. Para isso, desenvolveram-se processos de investigação calcados principalmente em uma abordagem qualitativa. Utilizou-se de pesquisas bibliográficas, em fontes documentais e empíricas. Essas consistiram em duas consultas feitas a moradores bonjesusenses das mais diversas classes sociais (funcionários públicos, autoridades, professores, aposentados, comerciantes, dentre outros), nas quais se identificou aspectos da realidade ambiental local, o símbolo municipal percebido pela população (no caso, a Lagoa das Paneas) e conheceu-se as opiniões dos moradores sobre a situação de degradação em que se encontra o seu símbolo. O trabalho é estruturado em três capítulos: A importância da Paisagem da Lagoa das Paneas para a formação territorial de Bom Jesus-RN; Paisagem da Lagoa das Paneas: simbolismo e transformações; e Percepções sobre a Paisagem da Lagoa das Paneas. Em suma, diz-se que as discussões colocadas em tela são referentes a uma situação contraditória, na qual um símbolo, marcado por importâncias, encontra-se em estado de degradação. Sendo assim, todas as reflexões tecidas visam desvendar essa situação, que envolve necessidade de responsabilidade política e de participação, ativa e consciente, de toda a população. Por fim, seguindo as atuais concepções geográficas, que têm como um dos seus fundamentos a importância de se ultrapassar a simples aparência presente nos símbolos, diz-se que a Lagoa das Paneas pode não ser o símbolo dos bonjesusenses, em função de estar sendo gravemente degradada por meio das próprias ações da população local.

**PALAVRAS-CHAVE:** Paisagem geográfica, simbolismo, degradação ambiental.

---

<sup>1</sup> Este trabalho é decorrente de discussões presentes na monografia intitulada “Paisagem geográfica, simbolismo e degradações ambientais: estudo sobre a Lagoa das Paneas em Bom Jesus-RN”, defendida no Curso Superior de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (CEFET-RN), no ano de 2007.

## **PAISAJE PERCIBIDA, PAISAJE VIVIDA: SIMBOLISMO Y DEGRADACIÓN AMBIENTAL EN LA LAGUNA PANELAS- BOM JESUS-RN**

### **RESUMEM**

El presente trabajo tiene el objetivo de discutir el significado de la Laguna Panelas, paisaje geográfico localizado en Bom Jesus-RN, prestando atención para las degradaciones que vienen ocurriendo históricamente en éste. Para eso, se desarrollaron procesos de investigación basados sobre todo en un abordaje cualitativo. Se utilizaron pesquisas bibliográficas, en fuentes documentales y empíricas. Estas consistieron en dos consultas hechas a habitantes bonjesusenses de las más diversas clases sociales (funcionarios públicos, autoridades, profesores, jubilados, comerciantes, entre otros), en las cuales se identificaron aspectos de la realidad ambiental local, el símbolo municipal percibido por la población (en el caso, la Laguna Panelas) y se conocieron las opiniones de los habitantes sobre la situación de degradación en que se encuentra su símbolo. El trabajo está estructurado en tres capítulos: La importancia del Paisaje de la Laguna Panelas para la formación territorial de Bom Jesus-RN; Paisaje de la Laguna Panelas: simbolismo y transformaciones; y Percepciones sobre el Paisaje de la Laguna Panelas. En suma, se dice que las discusiones puestas en evidencia se refieren a una situación contradictoria, en la cual un símbolo, marcado por importancias, se encuentra en estado de degradación. Siendo así, todas las reflexiones tejidas visan desvendar esa situación, que envuelve necesidad de responsabilidad política y de participación, activa y consciente, de toda la población. Finalmente, siguiendo las actuales concepciones geográficas, que tienen como uno de sus fundamentos, la importancia de sobrepasarse la simple apariencia presente en los símbolos; se dice que la Laguna Panelas puede no ser el símbolo de los bonjesusenses, en función de estar siendo gravemente degradada por medio de las propias acciones de la población local.

**PALABRAS-CLAVES:** Paisaje geográfico, simbolismo, degradación ambiental.

## **PAISAGEM PERCEBIDA, PAISAGEM VIVIDA: SIMBOLISMO E DEGRADAÇÕES AMBIENTAIS NA LAGOA DAS PANEAS - BOM JESUS-RN**

### **1 INTRODUÇÃO**

Na atualidade, evidencia-se, cada vez mais, no cotidiano dos homens e informa-se, por meio dos veículos da mídia, os efeitos causados pelas degradações ambientais<sup>2</sup> desencadeadas pelas atividades humanas há tempos. Exemplo disso é a comprovação e a divulgação pela mídia mundial de que o clima altera-se de maneira intensiva, em decorrência do desrespeito humano pela natureza, colocando em risco o bem-estar da sociedade.

Durante muito tempo – pode-se dizer que a partir da Revolução Industrial, iniciada no século XVIII, até meados do século XX –, predominou em escala mundial o pensamento antropocêntrico em relação ao ambiente. Sob a ótica desse pensamento, homem e natureza eram considerados como estranhos, sendo que o primeiro sobrepunha-se à segunda. Isto é, a natureza era considerada como mera fornecedora de recursos para o desenvolvimento das atividades humanas.

Na contemporaneidade acontecem transformações em relação a como se pensa a temática ambiental. Essas transformações começam a se intensificar com a realização da Primeira Conferência Mundial sobre o Meio Ambiente, organizada pela ONU (Organização das Nações Unidas), em 1972, em Estocolmo, na Suécia. A partir de então, passa-se a considerar a natureza como necessária ao bem-estar da raça humana. Nesse momento, traz-se à tona o conceito de desenvolvimento sustentável, que trabalha com a preservação ambiental para o bem das gerações presentes e futuras. Dentro das perspectivas sustentáveis, homem e natureza são considerados como indissociáveis, sendo uma parte integrante do outro, e vice-versa. Vale frisar que mesmo no contexto atual, em que a sustentabilidade está na moda, os homens ainda progridem degradando o ambiente, fundamentados nos seus próprios interesses e não nos interesses sociais coletivos.

Seguindo as premissas ambientais antropocêntricas, desenvolveram-se processos de formação territorial sem grandes atenções para os elementos naturais. Processos esses calcados predominantemente em interesses imediatistas, famintos por degradar o ambiente e gerar espaços para as construções e/ou habitações humanas. Isso fez com que se originassem diversos problemas ambientais, como poluição das águas, do solo e do ar; violência; desemprego; desigualdade espacial; dentre outros. É necessário compreender que os problemas ambientais não surgem do nada, e nem mesmo são decorrentes apenas da conjuntura atual. Pelo contrário, esses problemas representam o coroamento de processos espaciais desrespeitosos ao ambiente<sup>3</sup>, ou seja, aos próprios homens (ANDRADE, 1990).

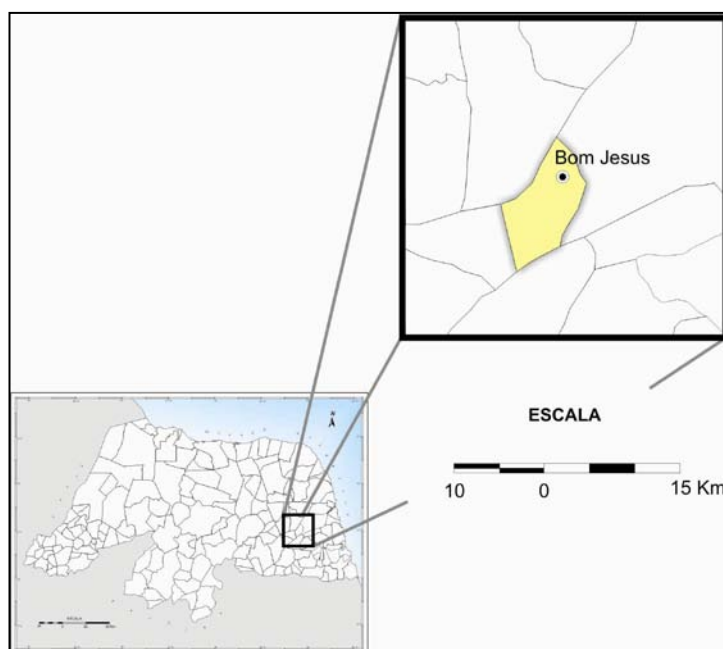
---

<sup>2</sup> Degradações ambientais são mudanças sensíveis negativas nas condições de saúde e bem-estar das pessoas e nas estabilidades dos ecossistemas dos quais todos dependem para as suas sobrevivências (CHRISTOFOLETTI, 1993). As degradações ambientais decorrem de impactos negativos ao ambiente, os quais geram repercussões climáticas, hidrológicas, biogeográficas, dentre outras. Essas repercussões alteram o clímax do meio e, conseqüentemente, a qualidade de vida dos seres humanos que nele vivem.

<sup>3</sup> O ambiente é compreendido como sendo caracterizado pela indissociável interface homem-natureza (LEITE, 1993). Dessa maneira, todas as considerações aqui tecidas sobre o ambiental são abarcadoras das instâncias sociais, econômicas, políticas, culturais, espaciais etc. Esse raciocínio também é defendido nas reflexões feitas por Silva (1999), o qual afirma que não se pode separar cartesianamente o homem da natureza, porque aquele é, indiscutivelmente, interligado a esta.

Neste trabalho considera-se, assim como Santos (2004), que a formação territorial constitui-se no instrumento legítimo de explicação do espaço atual. É por meio da análise da formação do território de uma dada sociedade que se pode ter o conhecimento de suas especificidades e de suas características pretéritas e atuais.

O desencadeamento de processos de formação territorial calcados na visão antropocêntrica, isto é, tendo as ações humanas como degradadoras do ambiente, tem-se dado em âmbito global. Numa escala geográfica local, o município de Bom Jesus-RN (figura 01) é um exemplo em que esse processo representou e continua representando a degradação ambiental. Nesse município, emancipado desde 1963, sempre colocou-se os interesses individuais acima dos coletivos. Por isso, o ambiente local é intensivamente degradado, em função de um processo de expansão sem atenções ambientais. Desmatamentos, poluições, violências e desemprego são alguns problemas existentes localmente, devido à maneira como a sociedade bonjesusense pensa e age para com o ambiente em que vive.



**Figura 01: Localização do município de Bom Jesus no mapa do Rio Grande do Norte**

Cartografia: Josué Alencar Bezerra, 2006.

Um exemplo da degradação ambiental em Bom Jesus é a situação da Lagoa das Panelas. Esta encontra-se fortemente degradada, apesar de possuir significação para a população local. É isso que se estuda no trabalho em tela: a significação e a degradação da Lagoa das Panelas, paisagem geográfica<sup>4</sup> localizada em Bom Jesus-RN.

Até o ano de 1976, a Lagoa das Panelas encontrava-se equilibrada ambientalmente, sendo, por isso, utilizada pelos bonjesusenses para inúmeras tarefas, como tomar banho; lavar roupas; divertir-se e até mesmo beber a sua água. A partir desse ano, a lagoa começa a sofrer

<sup>4</sup> Neste trabalho, a paisagem é considerada como aquilo que os sentidos alcançam, não devendo ser vista e compreendida, em hipótese alguma, como um simples artefato físico impessoalizado. A paisagem tem dimensões que perpassam pelos sentidos humanos, isto é, pelas percepções, sendo marcada por relações sociais dadas ao longo do tempo (COSGROVE, 1999 e 1998 ; CORRÊA; ROSENDAHL, 2003, 2000 e 1998).

degradações, sendo vítima do processo de formação socioespacial adotado em Bom Jesus, calcado na degradação do ambiente local.

Inicialmente, foram realizados aterramentos na lagoa, visando originar espaços para a construção de casas e prédios públicos. Começou-se a realizar a feira municipal bem próxima da lagoa, o que representa até nos dias atuais descarte de grande quantidade de lixo nessa. Construíram-se casas populares próximas da lagoa e direcionaram-se os esgotos dessas casas para dentro dela. Também colocou-se em direção da Lagoa das Panelas, praticamente, todos os esgotos das demais casas do centro da cidade. Além disso, a população, ao mesmo tempo, pesca e consome os poucos peixes ainda existentes nela e a utiliza para dar banhos em animais (cavalos, cachorros etc.). Enfim, a lagoa encontra-se em uma situação crítica. Em outras palavras, diz-se que ela passou da situação de importante para as tarefas populares à situação de reservatório de tudo o que não presta para a população.

Em 2005, realizou-se uma pesquisa com moradores locais. Nessa, perguntou-se a eles qual era o símbolo de Bom Jesus. A maioria indicou que a Lagoa das Panelas é o símbolo dos bonjesusenses, em função de possuir importâncias sociais e históricas. As importâncias sociais remetem para o que já foi dito aqui, ou seja, que a lagoa anteriormente era utilizada para diversas tarefas realizadas pela população local, como divertir-se; tomar banho; lavar roupas; beber a sua água etc. Já as importâncias históricas explicitam-se quando se conhece e analisa a história de Bom Jesus. Toda essa história é marcada pela participação da lagoa, desde a época das sesmarias, quando ela foi utilizada para expressar os limites da sesmaria que equivalia ao que é hoje parte do território municipal (que ia da Lagoa das Panelas até Anta Esfolada, hoje o município de Nova Cruz-RN), até a atualidade, considerada o símbolo dos bonjesusenses. Além disso, alguns moradores locais fizeram questão de destacar que caso a lagoa fosse preservada seria um ponto turístico municipal e, assim, teria importâncias econômicas.

Diante disso, isto é, da situação em que um símbolo está sendo degradado, nasceu a questão central do trabalho: por que a Lagoa das Panelas, considerada o símbolo dos bonjesusenses, está sendo degradada? Todas as discussões presentes neste estudo perpassam por essa questão. Entretanto, outros questionamentos também foram definidos para nortear a construção do trabalho: qual a importância da lagoa para a formação territorial de Bom Jesus? O que a lagoa representou e representa ainda nos dias atuais para a população local? Como e quando se deu o início da degradação da lagoa? Quais as opiniões dos bonjesusenses sobre a atual situação degradante da lagoa? O que poderia ser feito para alterar a situação em que se encontra a Lagoa das Panelas?

O objetivo geral do trabalho é discutir a significação que a Lagoa das Panelas tem para os bonjesusenses, atentando para o histórico de degradações que ela vem sofrendo ao longo dos últimos anos. Feito esse esclarecimento, torna-se imprescindível colocar em tela a metodologia utilizada para a consecução do trabalho.

## **2 METODOLOGIA**

O método que se assenta nas discussões traçadas aqui é o da fenomenologia. Este é calcado na descrição e na análise dos elementos sociais. Para que esse método seja aplicado com eficácia, faz-se necessário que o pesquisador esteja isento de preconceitos e/ou pensamentos formalizados e estáticos. A fenomenologia fundamenta-se na subjetividade, isto é, nos pontos de vista de cada ser humano (RELPH, 1988). Contudo, a fenomenologia

contemplada neste estudo é aquela marcada pela criticidade, a qual está presente nas reflexões feitas por Gomes (1996). Segundo esse geógrafo, a conduta da fenomenologia crítica procura compreender a sociedade

[...] em seus aspectos fundamentais, suas determinações, leis e regras de evolução. Para chegar aí, é preciso reconhecer historicamente o desenvolvimento destas categorias em diversos momentos e estabelecer o sentido e a direção de sua evolução [...] (Ibid., pp. 282-283).

Para o desenvolvimento do trabalho, utilizou-se os seguintes instrumentos de investigação: pesquisa bibliográfica, pesquisa em fontes documentais e pesquisas empíricas.

A pesquisa bibliográfica foi realizada em diversos livros e periódicos. Os livros referentes, principalmente, às temáticas geográficas culturais e ambientais consultados foram, respectivamente, os de Corrêa e Rosendahl (2003, 2000, 1999 e 1998); Rosendahl e Corrêa (1999 e 1998); dentre outros. Também se consultou livros que tratam de outros assuntos, como do pensamento geográfico (SANTOS, 2004, 2003, 1996 e 1994); formação socioespacial do Rio Grande do Norte (ANDRADE, 1990); etc. A consulta aos periódicos deu-se, principalmente, a partir de visitas feitas a Biblioteca Zila Mamede, da UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte), na qual se teve acesso a riquíssimos trabalhos presentes nas revistas Geosul; Formação; Geografia; GEOUSP; dentre outras. Todos esses referenciais – livros e periódicos – só vieram enriquecer as discussões aqui colocadas em baila.

As pesquisas em fontes documentais aconteceram em visitas realizadas a Prefeitura Municipal; Câmara Municipal de Vereadores; Biblioteca Municipal; e instituições escolares presentes em Bom Jesus. Nessas visitas buscou-se documentos, dados e informações gerais sobre a história local e, concomitantemente, da Lagoa das Panelas. Infelizmente, não se obteve grandes êxitos nessas visitas, em função de os órgãos públicos bonjesusenses estarem desprovidos de marcas documentais do passado municipal, isso em decorrência de uma prática abominável existente no lugar, a qual mostra despreocupação com a memória local: a cada fim de uma administração no município, principalmente na Prefeitura e Câmara dos Vereadores, desaparece-se com os documentos referentes à administração.

As pesquisas empíricas realizadas representaram riqueza para o trabalho, isso em função dessas terem considerado e trabalhado com as informações conhecidas pelos moradores bonjesusenses, o que pode suprir parte da “pobreza” encontrada na pesquisa em fontes documentais. Defende-se que a pesquisa empírica seja de grande valia para os estudos geográficos, isso porque essa alicerça-se no saber popular, o qual, segundo Thiollent (1994, p. 67), “[...] é rico, espontâneo, muito apropriado à situação local”. Esse autor prossegue, dizendo que

[...] o saber do especialista é sempre incompleto, não se aplica satisfatoriamente a todas as situações. Para que isto aconteça, o especialista precisa estabelecer alguma forma de comunicação e de intercompreensão com os agentes do saber popular (Ibid., p. 68).



Para a consecução do trabalho foram realizadas duas pesquisas de campo, ambas qualitativas. A primeira para detectar qual seria o símbolo da população local, no caso, sendo percebida a Lagoa das Panelas. A segunda para ter acesso e ampliar as opiniões dos bonjesusenses sobre a atual situação de degradação em que se encontra o seu símbolo.

Na primeira pesquisa, realizada em junho e julho de 2005, consultou-se 50 moradores locais, representantes das mais diversas classes sociais, como autoridades; funcionários públicos; professores; comerciantes; aposentados; dentre outros. Essa consulta explicitou o símbolo percebido pela maioria dos bonjesusenses (26 pessoas), a Lagoa das Panelas. Destaca-se que, nessa pesquisa, as entrevistas foram feitas de maneira estruturada, isto é, por meio de questionamentos previamente planejados, sendo que as respostas dos entrevistados foram já no momento das entrevistas transcritas.

Na segunda pesquisa empírica, feita em janeiro e fevereiro de 2007, conversou-se com os bonjesusenses que disseram, na primeira pesquisa, ser a lagoa o símbolo local. Nesta oportunidade, pediu-se a esses bonjesusenses que expressassem as suas opiniões sobre a atual situação de degradação do símbolo. Com isso, surgiram múltiplos pensamentos, sentimentos e apontamentos de como melhorar o atual quadro em que se encontra a Lagoa das Panelas. Nessa segunda consulta, as conversas foram realizadas de maneira semi-estruturada, ou seja, alguns questionamentos feitos aos participantes da pesquisa foram previamente planejados, mas, outros surgiram com o desencadear de cada conversa. Essas conversas foram gravadas, na íntegra, sendo posteriormente transcritas.

No decorrer do trabalho, os dados provenientes dessas pesquisas são dispostos em forma de porcentagens, sendo devidamente analisados. Além disso, as percepções<sup>5</sup> explicitadas nessas duas pesquisas são trazidas à baila. Cita-se os bonjesusenses participantes das consultas através das suas profissões, visando preservar as suas identidades.

Não pode-se deixar de destacar que entre essas duas etapas da pesquisa empírica houve outra. Esta constituiu-se em conversas não-estruturadas, isto é, sem questionamentos previamente planejados, realizadas com ex-autoridades bonjesusenses (prefeito, vereadores, secretário municipal) durante o mês de novembro de 2006. Nessas conversas discutiu-se com essas ex-autoridades as transformações predatórias ocorridas historicamente na Lagoa das Panelas, o que foi importante para o desencadeamento das discussões sobre as transformações implementadas historicamente pelos bonjesusenses na lagoa. Essas conversas foram registradas sob forma de transcrição, porém, não na íntegra. Registraram-se apenas trechos dessas, os quais foram de suma importância para o trabalho.

A partir dessas abordagens, afirma-se que o trabalho segue estruturado em três partes, além da introdução, metodologia e considerações finais: na primeira, “A importância da Paisagem da Lagoa das Panelas para a formação territorial de Bom Jesus-RN”, trata-se do processo de formação do território de Bom Jesus e da importância da Lagoa das Panelas para esse processo histórico; no segundo, “Paisagem da Lagoa das Panelas: simbolismo e transformações”, reflete-se acerca do simbolismo e das transformações predatórias ocorridas na lagoa ao longo dos últimos anos, como também se atenta para a participação popular como um pilar fundamental nas mudanças necessárias à atual situação do símbolo bonjesusense; e,

---

<sup>5</sup> A percepção é compreendida como a exteriorização de pensamentos, sentimentos e pontos de vista interiores aos humanos. Acredita-se que percepção e cognição possuam relações recíprocas (PIAGET; INHELDER, 1993), como também que as percepções são ligadas às vivências humanas, dando-se e explicitando-se nos cotidianos (TUAN, 1983).



no terceiro, “Percepções sobre a Paisagem da Lagoa das Panelas”, traz-se à tona as opiniões dos bonjesusenses sobre a atual situação de degradação da Lagoa das Panelas.

### **3 A IMPORTÂNCIA DA PAISAGEM DA LAGOA DAS PANELAS PARA A FORMAÇÃO TERRITORIAL DE BOM JESUS**

A história da formação territorial de Bom Jesus tem início no século XVIII, mais precisamente em 04 de dezembro de 1754. É quando uma extensa sesmaria, localizada desde Anta Esfolada (hoje o município de Nova Cruz-RN) até ao redor da Lagoa da Panela, é doada ao padre José Vieira Afonso. A partir de então, constitui-se nesse território um povoado calcado na criação de gado e no cultivo de algodão e lavouras de subsistência (mandioca, milho e feijão).

Em 7 de fevereiro de 1820, os direitos de posse da sesmaria são dados a José Félix do Rego Barros, o qual recebe-os na Lagoa da Panela, que, segundo Cascudo (1968), no decorrer do século XIX, passou a ser denominada de Panelas, no plural. A denominação de Panelas passou a ser dada não somente à lagoa, mas também ao povoado, em função da existência de famílias que confeccionavam panelas de barro nas proximidades da lagoa, utilizando-se da matéria-prima presente nessa, o que teve grande importância para a ocupação e povoamento local.

Sobre o nome Panelas dado ao povoado, Nóbrega (2003, p. 23) ratifica esse fato através da citação do trecho de uma entrevista realizada em 1986, com um morador antigo do município, o qual afirmou que:

a cidade chamou-se um dia Panelas, por causa de uma família de caboclo índio ter vindo do agreste paraibano e ter se localizado à margem da Lagoa e aí iniciado a fabricação de panelas de barro e, por meio dessa atividade econômica, teve início uma feirinha de louceira à margem da referida Lagoa, surgindo daí o nome de Lagoa das Panelas.

O povoado de Panelas consegue expandir-se socioeconomicamente, tanto que Ferreira Nobre (apud CASCUDO, 1968) afirma ser, em 1877, Panelas já uma povoação com feira e policiamento, localizada a nove léguas de Natal. Outrora, Panelas passou a chamar-se Capoeiras. Entretanto, Cascudo (Ibid.) afirma que a denominação popular continuou sendo Panelas.

No século XX, alguns acontecimentos dão impulso à continuidade da expansão do povoado. Cascudo (Ibid.) declara que em 1916 é instalada uma parada de automóveis no local, o que o anima e aumenta o seu intercâmbio comercial e social. O transporte que passava pelo povoamento representou prosperidade e intensificação da expansão. Em 1917, é construída a Capela do Sagrado Coração de Jesus, hoje padroeiro do município. E em 1923, cria-se a primeira escola, fator importantíssimo para o desenvolvimento da sociedade local. O conhecimento popular fornece a informação de que essa primeira escola é hoje a chamada “Natália Fonseca”<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Na atualidade é uma escola estadual, localizada à Rua Almir Freire, no centro da cidade de Bom Jesus.

Em 1936, o povoamento de Panelas tem a sua denominação alterada para a atual Bom Jesus, isso em função de um acontecimento pitoresco, de ordem religiosa, relatado por Nóbrega (2003, p. 23):

a antiga povoação de Panelas passou a chamar-se Bom Jesus em virtude da interferência do Frei Damião de Bozzano. Durante uma missão por ele realizada, estando em frente à capela [local] afirmou que o nome do lugar deveria ser mudado, alegando que Panelas terminaria em cacos. Considerando que a capela era consagrada ao Coração de Jesus sugeriu que a nova denominação fosse Bom Jesus. A idéia foi enviada para aprovação da Assembléia Legislativa, através do Deputado Estadual Ezequiel Xavier Bezerra, natural da povoação, sendo aprovada e transformada em Lei no dia 10 de novembro de 1936, sob o nº 31.

A partir de então, Bom Jesus passou a integrar diversos municípios do Rio Grande do Norte. Primeiro, ficou atrelado a Macaíba, até o ano de 1953. Nesse ano, foi criado o município de Serra Caiada, ao qual Bom Jesus passou a pertencer. Em 1958, o território de Serra Caiada foi fragmentado, dando origem ao município de Senador Elói de Souza. Bom Jesus passou então a ser subordinado a Elói de Souza.

Essa situação de subordinação a outros municípios incomodava as autoridades locais da época, as quais requeriam autonomia frente às dos outros municípios que exerciam poder sobre Bom Jesus, particularmente às de Elói de Souza. Além disso, era visível, segundo os moradores da época, que Bom Jesus crescia com maior intensidade do que o município ao qual estava atrelado, no caso Elói de Souza. Esses fatores fizeram nascer um desejo pela emancipação política de Bom Jesus.

Esse desejo caminhava aliado ao desenvolvimento em âmbito nacional de uma política, regida pela Constituição de 1946, que destacava e favorecia a autonomia municipal. Gomes (1998, p. 88) declara que essa Constituição chegou a ser chamada de “Municipalista”. Diante disso, favoreceu-se a criação de novos municípios no Brasil, visando à ampliação de centros de consumo, bem como a (re)produção de novas classes políticas nacionais e estaduais. Seguindo esse contexto, foram criados no Rio Grande do Norte, de 1945 a 1964, 109 municípios, inclusive o de Bom Jesus (Ibid.).

A emancipação de Bom Jesus foi realizada em 11 de maio de 1962, através da Lei nº 2.794, quando esse foi considerado um novo município do Rio Grande do Norte. Em 03 de junho de 1962, através de uma solenidade que contou com a participação de autoridades estaduais e locais, instalou-se o município de Bom Jesus. Entretanto, houve uma contestação da criação do município, a qual não se sabe a procedência. Esse acontecimento atrela-se ao pensamento de Santos (2004), de que a evolução socioespacial de um local não é fundamentada apenas nos interesses da sociedade que o integra, mas também nos de forças sociais externas. Porém, em 26 de março de 1963, a Lei nº 2.853 ratificou a criação do novo município.

Vale frisar que durante todo esse processo de emancipação a população local pouco ou nada participou. Pode-se até dizer que a emancipação bonjesusense foi calcada muito mais em ações políticas do que sociais. Isso é comprovado por Gomes (1998) quando analisa a construção territorial do Rio Grande do Norte, concluindo que a criação da maioria dos municípios desse estado seguiu, acima de tudo, preceitos institucionais e políticos, e não sociais.

Da emancipação municipal até a realidade atual, podem-se citar mais alguns acontecimentos marcantes para a construção territorial de Bom Jesus, como: em 1986, o município dispunha de fornecimento de água encanada e energia elétrica para a maioria de sua população; em 1990, foi criada a Lei Orgânica Municipal; em 1997, foi realizado o primeiro concurso público em Bom Jesus, bem como regularizada a situação dos funcionários públicos locais; em 2000, foi firmado um convênio com a UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte) para a qualificação superior em Pedagogia dos professores da rede municipal de ensino; em 2004, foi apresentado na Câmara Municipal dos Vereadores e enviado ao Banco Mundial um projeto para a revitalização da Lagoa das Panelas, o qual ficou apenas no papel; e em 2005, aconteceu a formatura dos professores municipais graduados pela UFRN.

Em relação aos aspectos econômicos da sociedade bonjesusense, pode-se dizer que esses seguem na atualidade a histórica tendência da fundamentação na pecuária e na agricultura de subsistência. Além disso, é importante dar destaque aos vínculos empregatícios públicos (estaduais ou municipais), os quais são obtidos localmente por meio de concursos ou contratos temporários. Contudo, não há no município grandes indústrias e/ou instituições privadas que possam criar postos empregatícios para os moradores. Em função disso, um dos problemas que mais afeta a qualidade de vida da população local é a falta de empregos.

Para o lazer da população, existem dois clubes sociais em funcionamento e alguns comércios como lanchonetes, pizzarias, videogames e mercados. Além disso, a cidade dispõe de poucas e mal-tratadas praças públicas, de uma quadra de esportes, de um campo de futebol, de um ginásio esportivo e de uma biblioteca, a qual é pouco apreciada pelos habitantes.

Os pontos turísticos locais são definidos pelo IDEMA (2005) como sendo a Lagoa das Panelas, as olarias locais e uma rocha metamórfica denominada de Tonalito Gnaiss e datada de 3,4 bilhões de anos, presente na Fazenda Tanques. Entretanto, o primeiro desses pontos encontra-se degradado ambientalmente e as olarias locais não podem ser consideradas como pontos turísticos, pois representam fonte de poluição para a sociedade bonjesusense, sendo responsáveis por doenças respiratórias que atingem a população.

As principais festas populares do município são a do padroeiro municipal – Coração de Jesus – que ocorre em 22 de junho; a que festeja a emancipação política em 11 de maio; as comemorações juninas; e as festas natalinas.

Finalizando a abordagem sobre a construção territorial bonjesusense, faz-se necessário destacar a pouca participação do povo nas decisões e nos acontecimentos históricos referentes ao município. Isso explica grande parte dos problemas atuais existentes localmente, em função de, segundo Jacobi (1999), os problemas ambientais de um local tornarem-se mais intensos quanto menor for a participação popular em relação às decisões referentes a expansão deste. Além disso, Santos (2003, p. 14) afirma que está convencido de que as mudanças históricas de ordem social provêm de movimentos ocorridos “[...] de baixo para cima, tendo como atores principais [...] os deserdados e os pobres e não os opulentos e outras classes obesas [...]”.

Além disso, é mister destacar a íntima relação da Lagoa das Panelas com a formação territorial de Bom Jesus. Essa inter-relação é tão intensa que não se pode separar a

compreensão histórico-social do município sem também atentar para a importância histórico-social que a Lagoa das Panelas exerce.

#### **4 PAISAGEM DA LAGOA DAS PANEAS: SIMBOLISMO E TRANSFORMAÇÕES**

Para a construção do objeto de estudo do trabalho, foi realizada uma pesquisa junto à população bonjesusense. Nessa pesquisa, foi perguntado a cinquenta moradores locais, os quais foram selecionados de acordo com variados segmentos sociais (funcionários públicos, chefes de família, autoridades locais, aposentados...), qual é o símbolo de Bom Jesus? Ininterruptamente, a maioria dos bonjesusenses (52%) respondeu que o símbolo é a Lagoa das Panelas. Além da lagoa, também foram destacadas(os) a Igreja Católica (24%); a Feira Municipal (10%); o Mercado Público Municipal (10%); e outros lugares de Bom Jesus (4%), como, por exemplo, a Praça Padre João Maria, que fica próxima da Igreja Católica.

O símbolo dos bonjesusenses encontra-se localizado no centro da cidade de Bom Jesus, estando degradado ambientalmente. A população atribuiu simbolismo à lagoa devido às suas importâncias histórica, social e, caso fosse preservada, econômica.

Sobre a importância histórica, os bonjesusenses disseram que essa lagoa está estritamente ligada à gênese e evolução histórica de Bom Jesus. Essa importância é tão intensa que a primeira denominação dada ao lugar – Panelas – esteve totalmente atrelada à lagoa, em função de nos primórdios de Bom Jesus ter havido uma atividade oleira em que fabricavam-se painéis de barro nas proximidades da lagoa.

Alguns depoimentos de atores sociais locais trazem à tona a importância histórica da Lagoa das Paineas: “a origem do município está ligada à lagoa, tanto que o primeiro nome da cidade foi Paineas” (motorista, ex-vice-prefeito municipal); “a Lagoa das Paineas é um tesouro para a cidade, em função de estar ligada à origem da cidade” (professora); “tudo começou na Lagoa das Paineas. Bom Jesus perdeu parte de sua história quando começaram os maus-tratos à lagoa” (funcionário público, integrante da atual classe dirigente municipal).

Os bonjesusenses também destacaram a importância social que a lagoa exerceu e continua exercendo. Até por volta do ano de 1976, momento em que começaram as transformações predatórias na lagoa, a população local utilizava-se enormemente dela para algumas atividades fundamentais, como tomar banho; lavar roupas; divertir-se; pescar e até mesmo beber água, em função de na época não haver sistema de abastecimento de água no município. Além disso, diz-se que grande parte das construções de casas e prédios públicos em Bom Jesus foi realizada com a água da Lagoa das Paineas.

A importância social da lagoa é explicitada a partir do depoimento de uma professora, quando enfatiza que era na lagoa “[...] que antigamente as pessoas tinham lazer e sobreviviam com a sua água”. Esse depoimento torna possível declarar que muito se perdeu com a degradação ambiental da Lagoa das Paineas.

Alguns entrevistados também fizeram questão de destacar a importância econômica que a lagoa poderia exercer. Essa importância, segundo a sociedade local, depende da preservação da lagoa, a qual poderia ser um ponto turístico municipal, o que geraria empregos para a população e divisas para o município. Para explicitar essa opinião dos bonjesusenses, destaca-se a fala de uma ex-Secretária Municipal de Saúde, quando diz: “se [a lagoa] fosse preservada poderia representar um ponto turístico para a cidade”.

Após essas considerações sobre os significados da Lagoa das Panelas para os bonjesusenses, se coloca em tela agora as transformações ocorridas com a lagoa nos últimos anos. Para analisar essas transformações é necessário realizar um recorte temporal, pois isso tornará essa análise mais eficiente. Dessa forma, as transformações predatórias ocorridas na Lagoa das Panelas serão analisadas a partir de 1976, ano em que essas tornam-se de fato intensas.

Até 1976, a lagoa possuía dimensões naturais e era utilizada pela população para inúmeras tarefas, como, por exemplo, se divertir (figura 02). Em 1976, acontece o primeiro aterramento sofrido pela lagoa. Esse aterramento, segundo o prefeito municipal da época<sup>7</sup>, “representou desenvolvimento para a cidade”, isso porque trouxe mais espaço para o povo construir suas casas e para o poder público construir alguns prédios municipais.



**Figura 02: Moradores bonjesusenses divertindo-se na Lagoa das Panelas**

Fonte: Silva, 1976.

Em 1983, uma seca que abalou praticamente todo o Nordeste do Brasil (ANDRADE, 1990) afetou a sociedade bonjesusense. Nesse ano, a Lagoa das Panelas secou. Com isso, o poder público municipal contratou, em caráter de emergência, habitantes locais para realizar uma limpeza no espaço ocupado pela lagoa. Segundo o prefeito da época<sup>8</sup>, “essa limpeza foi feita e deixou a lagoa bem limpa”.

Entretanto, com a seca, os bonjesusenses aproveitaram não só para “limpar a lagoa”, mas também para reduzir mais ainda o seu tamanho, com a realização de mais um

---

<sup>7</sup> Declaração dada em uma conversa, feita de maneira não-estruturada, com o ex-prefeito, realizada em 23/11/2005.

<sup>8</sup> Idem a nota de rodapé 7.

aterramento. Um ex-vereador municipal<sup>9</sup> confirma isso, dizendo que, nesse ano, além da limpeza, foram realizadas alterações no espaço lacustre, sendo efetuado mais um aterramento. Dessa maneira, as suas dimensões diminuíram mais ainda. A sociedade bonjesusense, juntamente com as autoridades locais, prosseguiu aos poucos com a degradação do seu símbolo. Em 1984, segundo alguns moradores locais, choveu bastante e isso ocasionou o enchimento da lagoa.

Em 1986, a lagoa sofreu um terceiro aterramento. Todavia, as agressões dirigidas a ela, a partir desse momento, não se restringiram mais apenas a aterramentos. Nesse ano, também foram construídas casas populares próximas a lagoa, bem como um galpão para o funcionamento da feira municipal nas suas proximidades.

Essas construções representaram a intensificação da sua degradação. Os esgotos provenientes dessas casas foram direcionados a ela. Além disso, a realização da feira municipal nas suas proximidades, sem nenhuma fiscalização significativa, representou fonte de descarte de lixo na lagoa. A partir de então, a população não pôde mais usufruir da lagoa como antes, ou seja, em inúmeros momentos cotidianos.

Entretanto, as agressões a esse símbolo não foram interrompidas. Em 1992, as autoridades municipais possibilitaram que alguns moradores locais construíssem quiosques nas imediações da lagoa. Esses quiosques foram construídos e passaram a funcionar como comércios em que se vendiam bebidas alcoólicas e “tira-gostos”. Como esses estabelecimentos não dispunham de infra-estrutura sanitária, os seus clientes costumavam excretar no entorno ou dentro da lagoa.

Como se não bastasse, em 1997, foram doados, por autoridades locais, “terrenos dentro da lagoa”, para que moradores construíssem casas e/ou comércios. Alguns moradores, que ganharam terrenos, começaram a aterrar as partes da lagoa que lhes foram doadas. Vendo isso, dois vereadores municipais da época entraram com um pedido, na promotoria pública de Macaíba-RN, de embargo às obras. Esses vereadores conseguiram uma liminar judicial que impedia o prosseguimento das obras. Um deles declarou<sup>10</sup> ter feito isso por entender “[...] que a lagoa é importante para a cidade e deve ser preservada”. Assim, a construção de casas e/ou comércios dentro dela foi interrompida. Com isso, pode-se destacar a existência de preocupações com a lagoa por parte de pouquíssimas autoridades locais. Essas preocupações se fossem compreendidas e aceitas pela sociedade bonjesusense, poderiam representar a fonte para o início do melhoramento das condições de degradação em que se encontra o símbolo dos bonjesusenses.

No final de 2001, o então prefeito municipal determinou a retirada dos quiosques que funcionavam próximos à lagoa. Esses quiosques foram retirados e os seus proprietários foram deslocados, com seus respectivos comércios, para um ponto no Mercado Público Municipal. Parecia que inaugurava-se uma nova era para a Lagoa das Panelas, isto é, para os bonjesusenses.

Em 2002, foi encaminhado, pela Prefeitura Municipal, um projeto ao Banco Mundial que propunha a revitalização da Lagoa das Panelas. Segundo o Secretário Municipal de

---

<sup>9</sup> Informação obtida em uma conversa, feita de maneira não-estruturada, com o ex-vereador, em 12/11/ 2005.

<sup>10</sup> Declaração dada em uma conversa, feita de maneira não-estruturada, com o ex-vereador, em 23/11/2005.



Agricultura da época<sup>11</sup>, esse projeto previa a limpeza e o saneamento da lagoa, ou seja, a retirada dos esgotos encaminhados a essa e a sua recuperação.

Também em 2002, iniciou-se a construção de um calçadão cerceando a lagoa. Esse calçadão delimitou o atual espaço ocupado por ela e representou o melhoramento do seu aspecto visual.

Contudo, foi apenas construído o calçadão. A limpeza, o saneamento, enfim, a revitalização da lagoa, prevista no projeto encaminhado ao Banco Mundial, não foi realizada. A Lagoa das Panelas continuou a receber esgotos e lixo (figura 03) provenientes das casas dos bonjesusenses e da realização da feira municipal nas suas imediações.



**Figura 03: Lixo descartado na lagoa após a realização da feira municipal**

Fonte: Nascimento, 1997.

Destaca-se também que não foi tomada nenhuma atitude para a conscientização ambiental da população bonjesusense, que prossegue com a destruição do seu símbolo, utilizando-o para colocar animais para tomar banho, para descartar objetos que não lhe servem mais (lixo), bem como para outras atividades nocivas à lagoa.

Em 2007, colocaram-se placas nas margens da lagoa proibindo que os moradores dessem banhos em animais dentro dela e passeassem com motos e bicicletas sobre o calçadão. A população local, fundamentada no individualismo e despreocupada com o bem-estar social de todos, destruiu essas placas e continuou a dar banhos em animais dentro da lagoa. Além disso, é necessário frisar que nenhuma atitude que realmente alterasse a situação de degradação da Lagoa das Panelas foi tomada. Os esgotos continuam sendo direcionados para ela. O lixo proveniente da feira municipal continua a ser descartado nela. Enfim, a degradação prossegue sendo realizada pela população e negligenciada pelas autoridades.

---

<sup>11</sup> Informação obtida em 23/11/2005, através de uma conversa, feita de maneira não-estruturada, com o secretário da época.



Por fim, afirma-se que a Lagoa das Panelas é vítima de um processo predatório de transformações. O desejo expansionista das autoridades e da população local, desacompanhado de concepções de preservação ambiental, faz com que essa paisagem venha sofrendo inúmeras agressões. Portanto, a responsabilidade pela atual situação degradante da lagoa é de todos os bonjesusenses, sem exceções.

## **5 PERCEPÇÕES SOBRE A ATUAL SITUAÇÃO DE DEGRADAÇÃO DA PAISAGEM DA LAGOA DAS PANEAS**

Na seção anterior do trabalho, mostrou-se que a Lagoa das Panelas foi percebida, a partir de uma pesquisa feita junto a população bonjesusense, como sendo o símbolo local, em função de possuir importâncias histórica, social e econômica. Essa percepção revelou uma situação contraditória, explicitada quando se tem conhecimento da atual realidade degradante da Lagoa das Panelas. Essa realidade foi comprovada por meio de uma análise da água coletada das margens da lagoa, que acusou a contaminação dessa. Essa análise foi realizada em junho de 2006, no laboratório de análises químicas, físicas e biológicas de água do então CEFET-RN, atual Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Na oportunidade revelou-se que na Lagoa das Panelas, a cada 100 ml de água, existiam 900 coliformes fecais, um índice considerado alto.

A situação de contradições pode ser representada pelo seguinte questionamento: por que a Lagoa das Panelas, que é o símbolo dos bonjesusenses, encontra-se degradada? Para tentar compreender essa situação, fez-se necessário realizar uma nova consulta aos moradores de Bom Jesus, para que esses expressassem opiniões mais aprofundadas sobre o seu símbolo.

Essa consulta foi realizada nos meses de janeiro e fevereiro de 2007, consistindo em conversas com bonjesusenses (26 pessoas) que afirmaram, na primeira consulta, ser a Lagoa das Panelas o símbolo municipal. Essas conversas foram feitas de maneira não-estruturada, tendo sido gravadas, em formato MP3, e depois transcritas. Conversou-se com pessoas representativas das mais variadas classes sociais de Bom Jesus, como professores, funcionários públicos, aposentados, comerciantes e autoridades.

Antes de cada conversa, falou-se aos bonjesusenses que a Lagoa das Panelas foi percebida, em uma pesquisa realizada com eles anteriormente, como sendo o símbolo local. Por isso, todas as discussões traçadas na conversa seriam referentes a esse símbolo.

De início, pediu-se aos bonjesusenses que dessem as suas opiniões sobre a atual situação de degradação da Lagoa das Panelas. Isso gerou várias expressões sobre essa situação, como por exemplo: absurdo; ruim; lamentável; problema muito sério; um caminho sem volta; tristeza; falta de amor; coisa perigosa; dentre outras. Todas essas expressões representam um consenso existente entre os moradores participantes das conversas: os bonjesusenses estão degradando algo muito importante para eles próprios.

A situação atual da lagoa foi percebida como sendo a destruição de um patrimônio público que gera riscos de saúde para a população. Foi dito que o símbolo recebe esgotos de praticamente todas as casas do centro da cidade; lixo jogado diariamente e, em bastante quantidade, nos domingos, decorrente da feira municipal, que ocorre próxima da lagoa; animais são banhados dentro dela; algumas pessoas brincam na lagoa, tomando banho; alguns moradores carentes pescam nela e consomem os peixes. Além disso, destacou-se o mau-cheiro decorrente do símbolo. Toda essa situação, segundo alguns bonjesusenses, desencadeia

perigo à saúde da população. À medida que os peixes são pescados e consumidos por alguns moradores, tem-se uma situação de risco de saúde. À medida que algumas pessoas divertem-se tomando banho em um manancial poluído por esgotos e onde animais são banhados, também tem-se uma situação de risco de saúde. Todas essas considerações são explicitadas a partir das seguintes percepções:

O que eu vejo é o seguinte: pra hoje que a cidade evoluiu e cresceu [...] essa lagoa não deveria ser do jeito que é, poluída. Na época de Panelas, ela secava, e as suas águas servia para a população [...] tomar banho, lavar roupa, dar água a animais etc. Hoje, a lagoa não seca mais, é cheia direto, mas a água não serve nem para se tomar um banho. Tudo quanto é de esgoto da cidade, ela recebe. Não deveria ser assim, ela deveria ser zelada. Por ser o símbolo de Bom Jesus, antiga Panelas, deveria-se ter zelo, e eu não vejo zelo nessa lagoa. Então, pra mim, hoje, ela se encontra em uma situação ruim (aposentado).

[...] lamentavelmente, ela recebe todo ou quase todo o esgoto da cidade [...]. Isso faz com que, muitas vezes, nós temos o desprazer de presenciar uma água poluída, uma água de cor turva, muitas vezes até mau-cheirosa. Com certeza, isso nos entristece muito, porque [...] a Lagoa das Panelas é o marco histórico da cidade de Bom Jesus. Nós sabemos que toda a origem dessa cidade baseia-se na história da Lagoa das Panelas [...], e é isso que nós passamos para os nossos filhos e alunos. Hoje, é lamentável um ponto tão importante [...] estar muito poluído [...]. Na minha opinião, a lagoa tem tudo para ser bem tratada, tem tudo para ser um ponto turístico da nossa cidade. Eu vejo descaso, falta de conscientização, talvez até nossa, nós população, é a minha opinião (professora).

Eu vejo como um problema seríssimo, que acarreta muito risco para a saúde, porque na maioria dos esgotos o destino final é dentro da lagoa. Tem pessoas que consomem os peixes dessa lagoa, até por questão de sobrevivência. Eu acho que falta muito empenho financeiro. Se houvesse uma batalha no sentido de lutar por alguma emenda constitucional que pudesse fazer o saneamento básico aqui em Bom Jesus, usando aquela lagoa como um ponto turístico e (re)aproveitando a sua água [...] Naquela lagoa existem cavalos que tomam banho ali dentro, crianças que brincam ali, que pegam peixe e que levam para casa para consumi-los. Eu fico impressionada como é que esse povo que consome esses peixes não fica doente. Acho que de tanto comer o que não é saudável já adquiriram imunidade a todo tipo de microorganismos que tem ali dentro [...] (farmacêutica, atual secretária de saúde).

[...] é lamentável. A nossa lagoa não tem tratamento, todos os dejetos são jogados nela, [...] temos animais lá dentro, nos dias de feira, geralmente, jogam tudo o que não presta dentro da lagoa, sem se falar dos esgotos que penetram nela. Essa degradação causa mal-cheiro, um odor horrível. Ela tinha tudo para ser a beleza fundamental da nossa cidade. Até tentaram fazer alguma coisa por ela, [...] mas hoje, culpa do próprio povo, pelos dejetos que jogam lá dentro, a água fica num estado de putrefação. Se cada um fizesse sua parte, não precisava se pensar somente no prefeito, vereadores que tomassem a direção para administrar. Iríamos amenizar, iríamos melhorar (professora).

Me sinto triste em ver a situação que a lagoa se encontra. [...] Foi feito alguma coisa, ao redor da lagoa, no sentido de recuperar a situação paisagística, mas em termos de limpeza e de higiene não foi feito muita coisa. Ao invés de retirarem o entulho, os dejetos que são colocados, a cada dia, aumentam a quantidade de esgoto, de fossas sépticas que são escoadas para dentro da lagoa, onde deveria-se fazer a limpeza total da lagoa, no sentido de preservar um fato histórico da cidade, semente de povoação [...] (funcionário público, ex-vereador municipal).

Não estou feliz com a situação dela (agricultor).

A minha opinião sobre a lagoa, que deu origem a cidade de Bom Jesus, é que ela se torna hoje uma coisa até perigosa para as famílias que moram em Bom Jesus, que utilizam as águas da lagoa, na questão do peixe, na questão dos animais que tomam banho e água da lagoa, onde as pessoas entram nela com esses animais. Eu diria que essa lagoa seria o pulmão doente de Bom Jesus. Para que ela fosse de utilidade para nós, deveria haver o seu tratamento, que seria feito por processos tecnológicos existentes hoje que não sacrificariam o peixe. [...] Nós como filhos de Bom Jesus, esperamos um dia ver ela despoluída, para servir de área de lazer, até mesmo para as crianças (agricultor, atual presidente do sindicato dos trabalhadores rurais).

Frisou-se que outros rumos poderiam ser tomados em relação a lagoa. Poderia-se transformá-la, por exemplo, em um ponto turístico de Bom Jesus, o que acarretaria lazer, desenvolvimento econômico e satisfação para a população local. Para que isso venha acontecer, destacou-se que o símbolo bonjesusense merece maior respeito.

Acho um absurdo. Nós temos um patrimônio como este sem tratamento nenhum, sem nenhuma limpeza. Poderiam ser tomados outros rumos. Eu acredito que se fossem tomados outros rumos, ela poderia ser até um ponto turístico da cidade, melhorando muito sua situação (funcionário público).

Eu acho que ela devia ser tratada, porque por ser um símbolo, como eu disse, [...] eu acho que devia ser mais tratada, mais cuidada, para ser um ponto turístico da nossa cidade (aposentada).

Ruim. Poderia ser até um ponto turístico para a cidade, um ambiente de lazer num domingo à tarde, já que tem um calçadão, tem espaço. Mas, infelizmente, é tomada pelo lixo, mato, bicicletas, motos andando ali no calçadão impedindo que a gente possa desfrutar (funcionário público).

Também houve quem dissesse que a Lagoa das Panelas é um “caminho sem volta”. Isto é, que não há mais resolução para a sua atual situação de degradação. Em função da falta de respeito da população em relação ao seu símbolo e da inexistência de atitudes políticas significativas para a sua recuperação.

Eu vejo ela como um caminho sem volta. A não ser que apareça alguém ou um novo administrador que venha buscar ela. Mesmo agora recente foram colocadas placas sinalizando para não lavar animais, para não degradar, não jogar lixo. Mas, eu creio que as placas vão servir só de enfeite, porque [...] é necessário a educação das pessoas com relação à essa lagoa [...]. Então, eu vejo dessa maneira [...], um caminho quase sem volta. As pessoas não respeitam, colocam esgotos para dentro, a cidade não tem saneamento básico e, em virtude disso, tem de tudo nela [...] (funcionário público).

Ao falar sobre a atual situação de degradação da lagoa, os bonjesusenses responsabilizaram algumas classes sociais municipais por essa situação. Primeiro, atribuiu-se responsabilidade às autoridades. Afirmou-se que essas não têm conhecimento do simbolismo da lagoa, não se importando com ela; inexistem políticas voltadas para o resgate e a preservação desse símbolo, em função da má-vontade dos políticos locais; esses realizam reformas externas na lagoa, mas não as mais importantes, as internas, que alterariam a

situação da água; o poder público municipal é omissos e negligentes com a questão da lagoa e, por isso, é preciso uma mudança na mentalidade política local, bem como o aparecimento de um “salvador da pátria”.

[...] o estado de degradação acho que se deu porque a classe política governante do nosso município não tem conhecimento e nem tampouco representava no sentimento deles esse símbolo [...]. Eu acho que é muito mais isso, mas também não é só isso, porque essas pessoas já tiveram por parte inclusive de alguns trabalhos realizados na Câmara dos Vereadores, de alguns estudos, de alguns projetos estudantis, essas pessoas já sentiram a reivindicação de uma comunidade esclarecida, de que essa lagoa é um símbolo e infelizmente eu acho que é uma questão mesmo de má vontade. A lagoa hoje se encontra enfeitada, que a gente notando com esse calçadão e algumas coisas que estão sendo feitas ao redor da lagoa, até parece que as pessoas estão tentando dar um certo valor à ela, mas está muito aquém do que merece e do que devia ser mexido para que a lagoa ficasse nas suas condições ideais (professor, ex-vereador municipal).

É uma situação lamentável, porque diante do fato [...] de ser o símbolo mais forte da cidade, até porque originou o que hoje é Bom Jesus, as forças governamentais deixarem esse patrimônio chegar ao estado que está hoje: poluída, quase sem utilidade. Quando deveria-se investir numa conservação, eu só tenho a lamentar. É uma lamentação grande. Eu acho que deveria haver uma política voltada [...] para resgatar [...]. Seria um trabalho coletivo, voltado para a conservação de um patrimônio da cidade (professora).

A gente fica triste, porque [...] a lagoa é o símbolo de Bom Jesus e esse símbolo não é cuidado como devia. Os políticos passam e arremediam, fazem algumas reformas externas, mas a reforma mais importante, que é a interna, dentro da lagoa, ninguém fez até agora. As reformas externas, como o calçadão, diminuem um pouco, mas a poluição continua do mesmo jeito, ainda ficam os esgotos dentro da lagoa. O que vai acontecer é esse símbolo morrer, e ninguém vai ter, digamos assim, uma justificativa para trabalhar com relação a origem de Bom Jesus. Então, a gente fica triste, porque é uma coisa tão simples de fazer, hoje em dia principalmente [...] onde a ecologia é tão badalada e podem-se conseguir tantos recursos, ninguém vê os políticos se movimentarem para trazer recursos e ajeitar essa lagoa (professor).

Pode-se evitar toda a degradação. É uma questão de política social, uma política que realmente vise a recuperação da lagoa. [...] Lamentavelmente, o poder público municipal, essa é que é a grande verdade, tem sido omissos e negligentes com relação a esta situação. Evitando os canais de esgotos, nós poderíamos ter uma lagoa como era anteriormente, sem dejetos, com uma água de boa qualidade. Hoje, ela serve apenas para o recebimento de esgotos (motorista, ex-vice-prefeito).

É lamentável a forma como a lagoa se encontra hoje, porque [...] a lagoa era sinônimo de alegria, era um patrimônio nosso aonde a gente tinha o maior prazer de ver as pessoas que vinham de outras cidades tomar banho. A gente se divertia muito enquanto criança. Hoje, a gente percebe que a maior parte dela foi aterrada, foram construídos uns galpões lá. O que deixa a gente mais sensível é a forma como ela é tratada hoje, está abandonada, se criou até um calçadão, mas o calçadão não serviu praticamente para nada. Se falava muito em fazer uma drenagem [limpeza interna], mas o que acontece é que vários esgotos são deslocados para dentro da lagoa. Cada dia que passa, a degradação da lagoa está ficando pior, onde futuramente os nossos filhos, os nossos netos talvez não tenham tanto orgulho como nós enquanto crianças tivemos em relação a lagoa. A não ser que aconteça uma mudança na mentalidade política de Bom Jesus e que apareça um salvador da pátria que faça com que essa lagoa volte a ser motivo de orgulho do povo de Bom Jesus (professor, atualmente vereador municipal).

Nas suas conversas, as autoridades pareciam adivinhar que seriam responsabilizadas pela degradação da lagoa e, por isso, se defenderam. Disseram que já têm vários projetos que prevêm a limpeza da lagoa, os quais sempre esbarram na burocracia. Além disso, destacou-se que a situação problemática da lagoa não é resolvida por causa da exorbitante quantidade de recursos necessária para isso: segundo um ex-prefeito municipal, mais de um milhão de reais.

É triste, lamentável. Como funcionário público e morador da cidade de Bom Jesus, a gente sente uma certa tristeza, porque existe o descaso com a lagoa, não só do âmbito municipal, porque é um custo caro para a preservação deste patrimônio do município. A gente tem feito vários projetos, mas, infelizmente, travam na burocracia, para ter um desenvolvimento melhor dessa lagoa. Foi feita, agora, alguma infra-estrutura ao seu redor que vai amenizar, mas não na totalidade, como o calçamento das vias de acesso, inclusive com o ateste do IDEMA. A gente espera ter no futuro um tratamento melhor para a nossa lagoa (funcionário público, integrante da atual classe dirigente municipal).

Bom, eu não tenho nem o que dizer sobre essa lagoa. Hoje para você fazer ela o marco histórico de Bom Jesus é mais de um milhão de reais. Para isso, eu tenho um projeto já de 1,2 milhão de reais para fazer o que precisa. Mas aos poucos nós estamos fazendo, por sinal eu estou calçando ao redor dela, futuramente eu quero fazer a drenagem dos esgotos para fora da lagoa, para ir limpando mais um pouco, porque ela está muito poluída. Essa lagoa não pode ser aterrada, porque ela é o marco histórico de Bom Jesus. Estamos tentando limpar essa lagoa, por enquanto não conseguimos recursos suficientes [...]. Aos poucos a gente chega lá, se Deus quiser (agricultor, ex-prefeito).

É necessário efetuar um comentário sobre esses projetos citados pelas autoridades. Desde o início deste trabalho que se vem ouvindo das autoridades que existem projetos para a recuperação do símbolo bonjesusense. Contudo, nunca nos foi dada a possibilidade de consulta para a conseqüente análise desses projetos neste trabalho. Por isso, questiona-se: será que realmente eles existem? Além disso, é de suma importância destacar que uma das autoridades declarou que o projeto de infra-estruturação externa da lagoa (construção do calçadão, pavimentação de ruas próximas a ela etc.) foi atestado pelo IDEMA (Instituto de Desenvolvimento Econômico e do Meio Ambiente do Rio Grande do Norte). Sendo assim, questiona-se novamente: como pode o órgão ambiental do Rio Grande do Norte autorizar uma obra que prevê esgotos sendo direcionados para um corpo d'água?

Também responsabilizou-se o povo como um todo pela atual situação da Lagoa das Painhas, isto é, as autoridades e a população. Destacou-se que deveria haver mais amor pelo símbolo local. Para isso, faz-se necessário uma ação conjunta de toda a sociedade.

As pessoas deviam ter mais amor, deviam preservar, porque a lagoa está a cada ano mais suja. As pessoas não têm conhecimento da importância da lagoa para a cidade. As pessoas deveriam zelar mais por ela, porque é de onde a gente originou-se, é o símbolo da cidade [...] (professora).

Defende-se aqui que a responsabilidade pela atual situação de degradação da lagoa é de todos, haja vista serem propugnadores de um modelo de expansão socioespacial

(in)sustentável, calcado na destruição ambiental. Santos (1994, p. 43) declara que esse modelo, chamado por ele de perverso, se dá em um quadro em que “[...] as condições ambientais são ultrajadas, com agravos a saúde física e mental das populações. Deixamos de entreter a natureza amiga e criamos a natureza hostil”. Isso só mudará se a sociedade civil, organizada, ativa e consciente, aliada a governantes, ativos e compromissados socialmente, agirem em prol do bem-estar de todos. Para isso, é necessária uma transformação de mentalidades e comportamentos, caso contrário, as degradações continuarão e o símbolo bonjesusense caminhará para a total destruição.

Se a Lagoa das Panelas é o símbolo dos bonjesusenses, é obvio que ela tem importâncias. Dessa maneira, há uma situação contraditória: um símbolo degradado. Sendo assim, levou-se a pergunta central do trabalho aos bonjesusenses: porque a Lagoa das Panelas, que é o símbolo dos bonjesusenses, está sendo degradada?

*A priori*, mais uma vez, alguns bonjesusenses responsabilizaram as autoridades municipais pela degradação da lagoa. Declarou-se que essa situação contraditória ocorre porque não existem iniciativas políticas significativas em Bom Jesus. Pelo contrário, o que existe é descaso, desorganização. O povo não tem culpa, apenas utiliza o que lhe é oferecido pelos dirigentes: desorganização. Também afirmou-se que os políticos que administraram o município até a atualidade não têm conhecimento da importância da lagoa. Por isso, é preciso haver mudanças políticas em Bom Jesus.

Acredito que seja falta das pessoas que administram nossa cidade. Desde muito tempo, entra governante sai governante, nenhum tomou uma atitude de tomar providências em relação a essa situação. Porque acredito que se tomasse uma decisão de melhorar ela, com certeza, se um gestor não tivesse condições de deixar ela pronta, mas haveria pelo menos uma iniciativa. Mas até hoje não tivemos [...] (funcionário público).

Falta de interesse dos administradores de tentar melhorar, de tentar organizar. Não tem interesse da administração. O povo usa o que lhe oferecem. Se hoje ela é utilizada como sistema de esgoto é porque é oferecido pelo município. Se o calçadão é usado como ciclovía é porque o município não se interessa de tentar tirar aquele pessoal dali que está de bicicleta e de moto tirando fino em crianças. Então, eu acho que a população apenas usa o que o município oferece. Se o município oferece desorganização, a população não consciente vai usar a desorganização (funcionário público).

Na minha opinião, Bom Jesus desde o início de sua emancipação ela passou por pessoas, de mão em mão, que realmente não são verdadeiramente filhos naturais de Bom Jesus. E talvez não tivesse visto a importância que essa lagoa tem para os bonjesusenses (funcionário público, ex-vereador municipal).

A questão política é muito forte em relação a isto. A comunidade em si, muitas vezes, já fez panfletos pedindo que os políticos, principalmente o prefeito, tomassem as providências, que viessem a tomar conta da situação da lagoa, para que esse símbolo não morra e sim ele possa se erguer. [...] É preciso que haja políticos com mentalidades acima do que esses que já passaram tem, para ver se consegue mudar essa situação (professor, atualmente vereador municipal).

De acordo com outras opiniões, a degradação acontece porque o povo, com isenção das classes políticas, não tem consciência dos valores histórico, social e ambiental da lagoa. Quem suja e falta com respeito com o símbolo é o povo. Isso ocorre devido a falta de



esclarecimentos, principalmente, das pessoas mais carentes. As percepções abaixo evidenciam esses pensamentos:

Eu diria que é falta de informação e esclarecimento. Eu acredito que de 5 a 7% da população, que sejam as pessoas esclarecidas da cidade, elas tem essa conotação, de que foi através dessa lagoa, no chamado ciclo do gado, que a cidade nasceu ao redor dela. Então ela tem uma simbologia muito grande [...]. Mas já para a comunidade mais carente que não tem o esclarecimento, esse símbolo não representa, porque ela desconhece essa história. Como o pessoal desconhece a história, infelizmente, não bate os sentimentos, como por exemplo, de nativismo [...]. Também, eu reconheço que esse grupo de 5 a 7% da população, mesmo tendo esse sentimento não trabalharam bem. Nós poderíamos ter feito mais, digamos, atos públicos ou tentarmos esclarecer o resto da comunidade sobre a importância histórica que a lagoa tem para agente. Talvez se nós fizessemos um movimento muito grande para esclarecer a população que essa lagoa é a semente de povoamento da cidade, eu acredito que esse sentimento também poderia tocá-los. Então na verdade existe uma falha, inclusive eu reconheço como uma falha minha [...] (professor, ex-vereador municipal).

Eu diria que é falta de conscientização desse povo, dessa gente. Eu diria que 80% dessas pessoas, sequer tenta saber da existência dela, tentar saber sobre o principal local que deu vida, origem a nossa cidade (professora).

Tô tentando. A briga aqui com o povo com animal soltando dentro e eu já botei até placa proibindo de botar animal dentro. Eu não tomei as providências na justiça ainda porque, na verdade, eu não tinha botado nenhuma placa ainda. Eu não tinha nem voz ativa de falar, agora eu tenho! Se eu for reclamar com qualquer morador que bota animal dentro fazendo sujeira, ele não pode dizer nada, como não tem nada proibindo, eu digo tem a placa proibindo, você tá invadindo porque quer. Então, eu vou tomar as providências. Tudo isso, tentando limpar essa lagoa (agricultor, ex-prefeito).

Outra vertente seguida foi a de que a lagoa é degradada em função da necessidade de Bom Jesus expandir-se e desenvolver-se espacialmente. Os aterramentos realizados na maior parte da Lagoa das Panelas geraram espaços onde foram construídos prédios públicos, casas, comércios, galpões para a feira etc. Além disso, afirmou-se que o desenvolvimento urbano dado próximo a mananciais de água sempre ocasionou a degradação destes. Isso é normal e sempre aconteceu em âmbito global. Diz-se que este pensamento é determinista e fatalista, típico do discurso de autoridades incompetentes e desconectadas com os interesses sociais coletivos.

Uma necessidade do crescimento, do desenvolvimento da cidade. Precisou-se de um espaço para a feira, aí aterrou-se uma parte da lagoa, também construiu-se nesse espaço o mercado, o galpão da feira. Em parte dela também foram construídos outros prédios e casas (funcionário público).

Isso acontece em todos os mananciais que as grandes e pequenas cidades foram constituídas. 99% das grandes cidades foram constituídas dentro de mananciais. Em qualquer área se procurava se construir uma casa aonde tivesse a proximidade com mananciais de água. Isso é histórico, desde a criação do mundo. A busca por água, porque ela é um bem que ninguém substitui. [...] Como Bom Jesus não é diferente das outras cidades, ela foi criada num centro localizado entre lagoas [...]. Então, a degradação dela dá-se ao desenvolvimento urbano. Isso tudo é previsto em qualquer situação mundial. Aonde existe desenvolvimento perto de mananciais, esses



infelizmente são degradados (funcionário público, integrante da atual classe dirigente municipal).

Também houve quem dissesse que a degradação da lagoa ocorre porque há descaso tanto das autoridades como do povo em geral. Para muitos, não existem leis que protejam a lagoa, nem são tomadas medidas políticas para alterar a sua degradação; a população degrada porque não tem educação ambiental. Enfim, não se respeita e não se cuida do símbolo coletivo. A situação é de co-responsabilidade.

Por conta do descaso que há. A lagoa absorve o esgoto, a própria população passa e joga lixo. [...] Eu vejo por esse lado, descaso da própria população, talvez até por próprio desconhecimento da importância, e também muito das autoridades, que deveriam dar mais atenção, cuidar mais, recorrer as leis, proibir, até punir. Nós observamos animais amarrados na margem da lagoa, pessoas banhando animais dentro da lagoa, tudo isso acontece e não é evitado (professora).

Eu acho que houve um verdadeiro descaso em relação a importância dessa lagoa para a cidade. Evidentemente, a lagoa hoje não é o que foi um dia. Eu lembro que antigamente, muita gente tomava banho ali, pessoas lavavam roupas, que não seria o caso de voltar a isso. Eu acho que deveria tentar resgatar a importância, conscientizar as pessoas dessa importância, investir realmente na conservação. Enfim, deveria, se houvesse interesse político, que deve partir daí, buscar um trabalho de conservação mesmo. Não seria utilizar como antes – banho, lavagem de roupas, pessoas até pegavam água e levavam para casa quando ainda não havia água encanada em Bom Jesus – mas um trabalho ambiental mesmo, na essência da palavra (professora).

Primeiro, eu acho que falta consciência política. Os políticos devem colocar uma lei severa, dizendo que ali é um patrimônio municipal, que puna as pessoas que façam atos que prejudiquem a lagoa. Os políticos não têm responsabilidade em fazer essa lei. Eles não têm consciência da importância dessa lagoa para o futuro da nossa cidade. Também não existe consciência da comunidade. Deveria haver uma campanha para as pessoas terem consciência da importância da lagoa (professora).

A degradação hoje da lagoa decorre da falta de consciência do povo e também das autoridades que não se preocuparam em preservar (professor).

Não podemos responsabilizar só o poder público. Cabe também uma mobilização da sociedade como um todo, entender que aquilo ali é um patrimônio público, é nosso, em que no momento em que deixar de ser uma lagoa poluída ela passa a ser uma área de lazer. [...] É uma coisa que envolve toda a sociedade, não só o poder público, lógico que a responsabilidade maior não deixa de ser do poder público, mas nós sociedade civil temos também nossa responsabilidade, de cobrar, de exigir, de acompanhar. Isso eu vejo que tá faltando por parte da população do nosso município (motorista, ex-vice-prefeito).

Acho que falta por parte das autoridades um compromisso em preservar o símbolo. Falar que ela é o símbolo é uma coisa, mas reconhecer e fazer alguma coisa por ela acho que está muito distante. Eu também diria que é um caso de co-responsabilidade, porque eu também não vou culpar só a administração. A cultura da população em si, porque na hora em que um cidadão coloca uma fossa correndo pelo esgoto que dá nessa lagoa, ele é co-responsável pela destruição (professora, atual secretária municipal de educação).

Se nossos políticos, assim como toda sociedade de Bom Jesus, quisessem mudar o símbolo de Bom Jesus, melhorando esta situação da lagoa, eu tenho certeza que se conseguiria (agricultor, atualmente presidente do sindicato dos trabalhadores rurais).

Com a análise de todas essas percepções, defende-se que a degradação da Lagoa das Panelas ocorre em função da falta de consciência e de educação ambiental do povo em geral, como também da negligência e omissão das autoridades para com o desenvolvimento de políticas que visem a recuperação e preservação do símbolo. Enquanto não houver mudanças de mentalidades e de comportamentos dos bonjesusenses, não haverá alteração da situação da lagoa.

Como o objetivo macro dos bonjesusenses é que a situação de degradação mude, perguntou-se: o que poderia ser feito para alterar a situação de degradação da Lagoa das Panelas?

A situação seria alterada caso as autoridades agissem frente à ela, tomando atitudes significativas. É o que dizem alguns bonjesusenses:

Na minha opinião, depende muito dos administradores. Hoje eu passei lá e vi umas plaquinhas proibindo amarrar animais dentro e não deixando lavar animais dentro. Mas de que adianta isso se não olhar as outras coisas, como o principal da poluição que vem pra ela, os esgotos. Eu vejo que os esgotos das casas, a maioria, correm pra rua e vai parar lá. Tem que tirar pra fora (aposentado).

Eu acho que a entidade governamental deveria tomar atitudes. Analisando, a gente vê que não é uma coisa que vai mexer com o eleitor. Porque às vezes político não quer fazer as coisas em alguns lugares porque vai mexer com o eleitorado. Mas a lagoa não, seria um benefício para a cidade. Não vai atrapalhar ninguém hoje. É uma minoria, os que usam aquele espaço para colocar animal, para jogar lixo. Então, se as autoridades maiores tomassem as providências poderia ser possível (funcionário público).

De imediato, uma ação do poder público no sentido de preservar a paisagem e a história do município. [...] A população já se mobilizou, já foram feitos atos públicos, mas o poder público ainda não manifestou 100% de vontade de melhorar a situação da lagoa pública (funcionário público, ex-vereador municipal).

Outros declaram que seria interessante desenvolver campanhas, mobilizações, palestras e informes de maneira bastante ampla, através das instituições escolares, demais órgãos públicos e dos veículos da mídia existentes localmente, visando desencadear a consciência na população bonjesusense de que é preciso respeitar, resgatar e preservar o seu símbolo. Também citou-se a criação de leis que considerassem a lagoa como patrimônio municipal e, assim, impedissem a sua degradação, como um fator de suma importância.

Eu acredito que somente a luta popular poderia fazer com que as pessoas protestassem no sentido de fazer com que a nossa lagoa, pelos menos preservasse ¼ do que ela já representou na sua dimensão, fosse cuidada e pudesse ainda nos oferecer, ainda é possível, lazer, colocando a lagoa como um ponto turístico da cidade, desde que nós tomássemos conta dela. Eu acho que só seria através de protestos. E para haver protestos, nós precisaríamos esclarecer um número maior de pessoas, para que elas, imbuídas desse sentimento, pudessem fazer reivindicações a quem de fato pode tomar as medidas cabíveis (professor, ex-vereador).

Eu vejo muito o lado da conscientização. É necessário haver uma conscientização da importância da preservação. Porque povo educado é povo limpo. Povo educado é povo que preserva (professora).

Inicialmente, um trabalho de conscientização popular, [...] através da mobilização das escolas e da secretaria de saúde. Panfletar, palestrar, passar realmente para as pessoas os benefícios que ela pode trazer para a cidade. [...] Desenvolver um trabalho de purificação da água, tirar os esgotos que escorrem para lá, proibir banho de animais, arborizar em torno, dentre outras medidas (professora).

Primeiro, criar leis que considerem a lagoa como patrimônio municipal e que proibam a sua destruição. E, depois, fazer campanhas nas escolas, na rádio e em toda cidade – através de panfletos – para as pessoas tomarem consciência da importância da lagoa (professora).

Eu acredito muito numa campanha de mobilização, onde equipes e população buscariam recuperar este patrimônio histórico e degradado de nosso município, que é a lagoa (motorista, ex-vice-prefeito).

O início teria que ser uma mobilização, que já foi tentada uma vez e não deu certo; teria que mobilizar a população e tentar conscientizar da importância que a lagoa tem para o município. É necessário (re)educar essa população como um todo (professora, atual secretária municipal de educação).

Também falou-se que é necessário que as autoridades municipais e a população bonjesusense juntem-se para buscar novos rumos para a situação da Lagoa das Panelas: “se juntasse o poder público, a sociedade civil, acho que a saúde, tanto local como estadual, e fizessem um projeto riquíssimo e grande para poder inverter este quadro” (agricultor).

Opinou-se que o governo municipal deveria unir-se ao estadual para galgar mais recursos. Isso porque a situação da lagoa ainda não foi alterada eficazmente em função da falta de recursos suficientes. Essa falta de recursos faz com que as autoridades não desencadeiem atitudes significativas frente a situação do símbolo, mas apenas façam reformas insuficientes, como a construção do calçadão com a não retirada dos esgotos que correm para o manancial. Além disso, afirmou-se que se os recursos fossem buscados e alcançados, poderia-se tirar os esgotos da lagoa e direcioná-los para o Rio Jundiá, que passa no município. Mas de que adiantaria começar a resolver um problema ambiental gerando outro? Defende-se aqui que o desvio dos esgotos da lagoa para o rio, ou qualquer outro local que não seja uma estação de tratamento, não deve sequer ser cogitado. Se isso for feito, os erros ambientais em Bom Jesus prosseguirão.

Eu acho que através de um projeto, que envolvesse, não sei, o Governador do Estado, que viesse ajudar a administração municipal. Porque se não foi feito ainda é porque os recursos ainda não foram suficientes. Cada prefeito que entra fala que vai melhorar e só faz um serviço tão pequeno que não mexe com o principal, a água. Então, eu acho que é o recurso que é muito pouco (aposentada).

Em primeiro lugar teria que haver uma conscientização da população. Tentar fazer com que a população se engajasse em relação a esse símbolo. Mostrar qual a importância que esse símbolo tem para a cidade. Em segundo lugar é buscar recursos para tentar fazer o que o projeto de 04 anos atrás dizia que iria fazer. Fazer uma drenagem destes esgotos, fazer uma limpeza desta água, pegar os esgotos que vem para ela e, ou colocar por baixo, através de um projeto muito bem feito, ou pelas suas margens desviar para o rio. Então, a partir daí, depois de fazer essa

limpeza na água, fazer essa drenagem, tirar os esgotos, trabalhar ao seu redor com a urbanização dela e a conscientização do povo de Bom Jesus pode ser que ela volte a ser o que a lagoa foi a 40 ou 50 anos atrás (professor, atualmente vereador municipal).

Uma autoridade declarou que a resolução do problema em tela não é difícil. Basta fazer projetos para galgar o dinheiro que é devolvido ao governo federal todos os anos, por falta de ter no que utilizá-lo. Todavia, essa mesma autoridade disse em uma citação anterior que tinha projetos para limpar a lagoa, os quais não eram desenvolvidos por causa dos entraves burocráticos. Dessa maneira, fica a dúvida: o problema é a falta de projetos ou a burocracia?

O primeiro ponto [...] é o seguinte: apenas usar o que tem dinheiro e não é buscado. Todo mundo sabe que a FUNASA devolve por ano milhões e milhões ao governo federal porque não é utilizado esse dinheiro. Acho que basta a sociedade se juntar ao poder público, se conscientizar, e ir buscar projetos [...]. Esse dinheiro existe, basta só buscar e aplicar (funcionário público, integrante da atual classe dirigente municipal).

Outra opinião dada é a de que o problema da lagoa só pode ser solucionado caso se faça o saneamento básico em Bom Jesus, ou pelo menos na área referente a Lagoa das Panelas. Um ex-prefeito municipal declarou que já tem um projeto para fazer o saneamento da cidade. Só falta conseguir recursos para operacionalizá-lo. Mais uma vez, destaca-se que o projeto citado não foi disponibilizado para consulta e análise neste trabalho.

Primeiro tem que fazer o saneamento básico da cidade. Só se consegue tirar os esgotos dali se for feito o saneamento, tendo as estações de tratamento como destino do esgoto. [...] Depois se partiria para a sua preservação (farmacêutica, atual secretária municipal de saúde).

Para limpar essa lagoa tem que fazer o saneamento básico em Bom Jesus, principalmente, ao redor dessa lagoa. Isso é meu sonho fazer até o final do mandato ou o prefeito que vier dê continuidade. O projeto já está feito para conseguir recursos pelo Ministério da Saúde. Só falta o Presidente da República liberar recursos. É muito dinheiro e eu não tô conseguindo (agricultor, ex-prefeito municipal).

Diante dessas opiniões dos bonjesusenses, declara-se que neste trabalho acredita-se que a atual situação de degradação da lagoa seria minimizada e/ou solucionada com a adoção das seguintes medidas:

- a) As autoridades municipais têm que querer solucionar a questão da lagoa. Isso poderia ser sinalizado através da criação de leis que a protegessem, bem como com a busca e aplicação correta de recursos para o resgate e preservação desse símbolo;
- b) A população precisa compreender o porquê de resgatar e preservar a lagoa. Também é necessário que participe ativamente desse resgate e preservação. Para isso, tem importância fundamental as instituições escolares, os demais órgãos públicos e os veículos da mídia municipal, atuando conjuntamente em um processo de conscientização popular;

c) É necessário recuperar o equilíbrio ambiental da lagoa e preservá-la. Para isso, tem-se que: realizar o saneamento básico em Bom Jesus, o que resolveria o problema dos esgotos; limpar a água da lagoa, através de processos físicos, químicos e biológicos recomendados e comandados por profissionais competentes, como engenheiros sanitaristas, geógrafos, tecnólogos em gestão ambiental, dentre outros; arborizar o entorno da lagoa, com cajueiros, vegetação nativa da área; e preservá-la, tendo como fundamento a participação de toda a sociedade.

Sobre a realização do saneamento básico, é importante destacar alguns pensamentos de Hogan (1995). Este autor diz que o saneamento básico “[...] talvez seja [...] o mais grave problema ambiental brasileiro. [...] é o problema que mais diretamente afeta as populações urbanas no Brasil” (Ibid., p. 19). A problemática do saneamento é grave porque pode afetar diretamente a saúde humana. Diversas doenças, como a cólera e a leptospirose, estão ligadas à precariedade das condições sanitárias. Portanto, preocupar-se com a questão do saneamento é preocupar-se também com a saúde humana. Hogan (Ibid.) ainda frisa que é necessário, na atualidade, implantar as mais avançadas tecnologias na resolução do problema sanitário.

Essas medidas apontadas não devem ser consideradas como as únicas e, nem tampouco, as melhores. Nem mesmo, deve-se considerá-las como compartimentalizadas na ordem em que foram apresentadas. Pelo contrário, acredita-se que elas seriam mais eficazes se fossem tomadas em conjunto.

Citou-se essas medidas porque, assim como todos os bonjesusenses, anseia-se pela transformação da atual situação de degradação da lagoa. Defende-se que essa transformação é necessária e urgente. É preciso resgatar e respeitar a Lagoa das Panelas, levando em consideração as suas importâncias histórica, social e ambiental.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como consideração final, diz-se que são urgentes mudanças de mentalidade e comportamentos dos bonjesusenses. Se a paisagem da lagoa é tomada como uma ideologia, é necessário ter a consciência de que se é pretendido mudá-la com eficácia, precisa-se alterar as idéias que ancoram a sua atual situação. Para isso, é de suma importância que a sociedade em geral, compromissada com os interesses sociais coletivos, se una e busque novos rumos para o seu símbolo, isto é, para si mesma.

Destaca-se ainda que “[...] habitar não significa apenas um ato isolado, localizável na carta, mas uma prática” (CARLOS, 1994, p. 24). Portanto, se a sociedade bonjesusense não tomar providências urgentes e significativas, pode-se já anunciar a morte do símbolo coletivo. Espera-se, realmente, que as discussões aqui colocadas em tela contribuam para que isso não ocorra.

Seguindo as atuais concepções geográficas, que têm como um dos seus fundamentos a importância de se ultrapassar a simples aparência presente nos símbolos, bem como a partir das opiniões dos bonjesusenses coletadas durante o trabalho e da situação degradante em que se encontra a Lagoa das Panelas, diz-se acreditar que a lagoa pode não ser verdadeiramente o símbolo dos bonjesusenses. Pois, entende-se, de acordo com Bourdieu (1998), que um símbolo é aquilo que é construído ao longo do tempo por meio de relações sociais que expressam consensos, afetividades, pertencimentos, respeito etc. Esse entendimento parece

não se coadunar com a realidade de graves degradações ambientais da Lagoa das Panelas, a qual é desencadeada pela própria população local.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. C. de. **A produção do espaço norte-rio-grandense**. Natal: Cooperativa Cultural (UFRN), 1990.

BARRETO, T. F. M. P. **Percepção ambiental**: Areado – o olhar do povo, a visão da ciência. 2004. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CARLOS, A. F. A. **A (re)produção do espaço urbano**. São Paulo: Edusp, 1994.

CARVALHO, E. A. de; FELIPE, J. L. A. **Atlas do Rio Grande do Norte**. Natal: Diário de Natal, 2004.

CASCUDO, L. da C. **Nomes da terra**: história, geografia e toponímia do Rio Grande do Norte. Coleção Cultura. Natal: Fundação José Augusto, 1968.

CHRISTOFOLETTI, A. Impactos no meio ambiente ocasionados pela urbanização no mundo tropical. In: SOUZA, M. A. A. de. (org.) **O novo mapa do mundo**: natureza e sociedade de hoje, uma leitura geográfica. São Paulo: Hucitec, 1993.

CLAVAL, P. A Geografia Cultural: o estado da arte. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 59-99.

CORRÊA, R. L. ; ROSENDAHL, Z. (org.) A Geografia Cultural e o urbano. In: **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CORRÊA, R. L. Geografia Cultural: passado e futuro – uma introdução. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 49-59.

CORRÊA, R. L. Pensando a Geografia Brasileira do começo do século XXI. **Sociedade e Território**, Natal, jul./dez. 2001.

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. Apresentando leituras sobre paisagem, tempo e cultura. In: **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 07-11.

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Geografia Cultural**: um século (1). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000.

COSGROVE, D. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 92-123.



COSGROVE, D. Geografia Cultural do Milênio. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 17-49.

FELIPE, J. L. **Elementos de Geografia do Rio Grande do Norte**. Natal: Editora Universitária (UFRN), 1998.

GOMES, P. C. da C. Cultura ou civilização: a renovação de um importante debate. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 99-123.

GOMES, P. C. da C. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GOMES, R. de C. da C. **Fragmentação e gestão do território do Rio Grande do Norte**. 1998. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo.

GUIMARÃES, S. T. de L. Reflexões a respeito da paisagem vivida, topofilia e topofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação ambiental. **Geosul**, Florianópolis, v. 17, n. 33, jan./jun. 2002, p. 117-141.

HAESBAERT, R. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 169-191.

HOEFLE, S. W. O futuro da cultura: o espectro do neodarwinismo. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 123-149.

HOGAN, D. J. A qualidade ambiental urbana: oportunidades para um novo salto. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 9, n. 3, 1995.

HOLZER, W. Paisagem, imaginário, identidade: alternativas para o estudo geográfico. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 149-169.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>>. Acesso em: 23 ago. 2005.

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E MEIO AMBIENTE DO RIO GRANDE DO NORTE. **Perfil do seu município**: Bom Jesus. Natal, 2005.

JACOBI, P. **Cidade e meio ambiente**: percepções e práticas em São Paulo. São Paulo: Anna Blume, 1999.

JESUS, G. M. de. Espaço, tempo e paisagem no Morro do Castelo: obsolescência e morte de um lugar. **GEOUERJ**, Revista do Departamento de Geografia, UERJ, Rio de Janeiro, n. 8, 2º semestre de 2000, p. 67-78.

LEITE, M. A. F. P. A natureza e a cidade: rediscutindo sua relações. In: SOUZA, M. A. A. de. (org.) **O novo mapa do mundo**: natureza e sociedade de hoje, uma leitura geográfica. São Paulo: Hucitec, 1993.



MACHADO, L. M. C. P. ; OLIVEIRA, L. de. Como adolescentes percebem geograficamente o espaço através de pré-mapas e mapas. **Geografia**, Rio Claro, v. 5, n. 9/10, out. 1980, p. 49-66.

MCDOWELL, L. A transformação da Geografia Cultural. In: GREGORY, D. ; MARTIN, R. ; SMITH, G. (org.). **Geografia Humana: sociedade, espaço e ciência social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

MENDONÇA, F. **Geografia e meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 2004.

MORAES, A. C. R. **Meio ambiente e ciências humanas**. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

NÓBREGA, R. T. **Bom Jesus: origem e emancipação**. 2003. Monografia (Especialização em História do Nordeste) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, São Paulo do Potengi.

OLIVEIRA, L. Ainda sobre a percepção. **A epistemologia da Geografia Contemporânea face aos desafios da sociedade global**. I Colóquio Nacional de Pós-Graduação em Geografia. Textos básicos relativos aos temas das mesas redondas. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Geografia. UFPR. Nov. 2001.

OLIVEIRA, L. de. Contribuição dos estudos cognitivos à percepção geográfica. **Geografia**, Rio Claro, v. 2, n. 3, abr. 1977, p. 61-72.

OLIVEIRA, L. de. Percepção da paisagem geográfica: Piaget, Gibson e Tuan. **Geografia**, Rio Claro, v. 25, n. 2, ago. 2000, p. 05-22.

OLIVEIRA, R. C. de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista do Antropólogo**, São Paulo, v. 39. n. 1, 1996.

PIAGET, J. ; INHELDER, B. **A representação do espaço na criança**. Tradução de Bernardina Machado de Albuquerque. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

RELPH, E. C. **As bases fenomenológicas da Geografia**. Banco de dados do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Registro n. 1411. Natal, 1988. p. 01-25.

ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SAUER, C. O. A morfologia da paisagem. In: ROSENDAHL, Z. ; CORRÊA, R. L. **Paisagem, tempo e cultura.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 12-74.

SILVA, V. P. da. Problemática socioambiental: um estudo sobre a indústria ceramista em Carnaúba dos Dantas / RN. **Sociedade e Território**, Natal: EDUFRN, jul./dez, 1999.

SOJA, E. W. **Geografias Pós-Modernas:** a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Tradução de Vera Ribeiro. Revisão técnica de Bertha Becker e Lia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

SOUZA, M. A. A. de. (org.) **O novo mapa do mundo:** natureza e sociedade de hoje, uma leitura geográfica. São Paulo: Hucitec, 1993.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 1994.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia:** um estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.